

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Edição Presidencial

O eleitor é um torcedor

Não só a política não ficou suspensa até depois da Copa do Mundo como os dois assuntos, eleição e futebol, ultimamente estão cada vez mais ligados. Tirando aquela bobagem de achar que um resultado de futebol em julho pautará o comportamento do eleitor em outubro, há paridades mais consistentes agora de que a subida de Lula nas pesquisas e um certo clima de Ciro Gomes vem aí garantiram a animação de uma eleição que se avizinhava sonífera.

Tomemos, por exemplo, o eleitor e o torcedor. Enquanto esse último já ganhou estabilidade por tempo de serviço na função de técnico da Seleção Brasileira, o primeiro vem assumindo nas últimas semanas as tarefas de conselheiro político e marqueteiro.

É a palpitaria Brasil em franca atividade, seja para analisar solene os movimentos de Rivaldos, Ronaldos ou Robertos em campo, seja para ponderar que no fim Fernando Henrique não perde essa ou para avisar que Lula agora vai.

Ou até mesmo para prever que o próximo presidente do Brasil chama-se Ciro Gomes. Quem viver verá, dizia o autor da previsão em elegante apartamento da Avenida Atlântica, em Copacabana, terça-feira à noite, à platéia de descrentes.

Na véspera, em residência elegante tal e qual, mas só que no paulista Jardim América, um ex-ministro também provocava dúvidas no público ouvinte, mas por apostar na vitória de Fernando Henrique no primeiro turno.

Impressiona no futebol como os aficionados vão mudando de opinião durante a mesma partida. O mesmo jogador ganha em menos de dez minutos dois ou três adjetivos que se contradizem entre si. Não tem a menor importância, mas só se percebe isso com a prática – 17 minutos de jogo são suficientes. O time, então, é enaltecido num minuto e dali a cinco condenado ao fogo do inferno. Difícil entender a razão, mas surpreendente mesmo é a constatação de que geralmente eles estão certos.

Na partida de ontem uma criatura do sexo masculino – gênero especialmente vocacionado a constatações definitivas – repetia a todo instante desde o início: “Bebeto está mal, Bebeto está mal...” Chegou uma hora, o rapaz foi substituído. E como é que a gente sabe, pela televisão, lá de longe olhando aquelas pessoas todas de roupas iguais movimentando-se para lá e para cá, quem é quem ou quem está mal ou bem?

Talvez da mesma forma como neomarqueteiros firmam suas certezas eleitorais. Eles se dividem entre os que há muito tinham absoluta certeza de que Fernando Henrique cairia nas pesquisas e Lula subiria, e os que com a mesma convicção apostam na vitória de um ou de outro. Raro encontrar alguém que se confesse absolutamente perplexo e sem a menor condição de dizer o que vai acontecer daqui a 15 minutos nessa eleição.

Os 150 milhões de técnicos da Seleção são agora também 150 milhões de marqueteiros eleitorais

Uma hora Fernando Henrique precisa calar a boca, na outra, falar mais. Na seguinte, se jogar no meio do povo. Dependendo do grupo que palpita, a salvação virá com o horário gratuito de televisão e há ainda quem assegure que se fizer a inflação subir um tantinho estará tudo resolvido. Mas bonito faz mesmo quem a horas tantas saca de lá o diagnóstico: falta esquema; há carência de operadores.

O que não quer dizer absolutamente nada, e, ao não-iniciado, soa mais ou menos como a explicação do locutor, que ontem transmitia Brasil e Escócia, sobre o “espírito da lei” da marcação de falta com atraso de bola para o goleiro ou da marcação da bola com goleiro atrasado para a falta ou talvez seja a marcação do goleiro que chegou atrasado com a bola.

Seja o que for, o fato é que essa eleição está despertando no cidadão que normalmente não é interessado em política a mesma atenção que, em época de Copa, o futebol inspira nas pessoas que de bola sabem apenas que é redonda. E, ainda assim, pelo que deu para perceber já no primeiro dia, é possível que haja controvérsias a respeito.

Porque consenso mesmo, em eleição ou Copa do Mundo, só existe em torno da vitória. Seja como for, o importante é ganhar. Há, principalmente na política, os que enfeitam a jogada, douram essa pílula buscando gradações entre vitórias feias e derrotas lindas.

Isso é muito bom, a situação está para resultados de lavada. Em partida suada, o que vale é o placar.

Nessa linha, podemos observar outra semelhança. O segundo gol do Brasil saiu de ombro e foi do contra – “o termo correto é gol contra”, aparece logo alguém para explicar. Mas, como disse o locutor, “não interessa, o importante é que foi gol”.

Como ninguém ousa discordar, não se pode também impor reparos à observação feita há dias pelo ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, quando lhe perguntaram se uma vitória feia não seria politicamente desgastante para o governo:

“Não quero nem saber. Quero ganhar nem que seja com meio gol de mão aos 48 minutos do segundo tempo.”